

Lideranças do Povo Madiha Kulina da Aldeia Porto Velho Terra Indígena Kulina do Médio Juruá Eirunepé: formação, sucessão, papéis e relações entre elas.¹

Emerson Avelino de Souza²

Resumo: O presente projeto de pesquisa, intitulado “Lideranças do Povo Madiha Kulina, da Aldeia Porto Velho, Terra Indígena Kulina do Médio Juruá, Eirunepé-AM: formação, sucessão, papéis e relações entre elas”, objetiva compreender como se organizam as lideranças da Aldeia Porto Velho, do Povo Indígena *Madiha* Kulina no Igarapé Preto, município de Eirunepé-AM, Terra Indígena Kulina do Médio Juruá. Esse trabalho se desenvolverá por meio do método etnográfico, utilizando-se da observação participante, com registro escrito em Diário de Campo e audiovisual. O projeto inicia com uma breve apresentação sobre o Povo *Madiha* e a seguir os processos metodológicos a serem usados na pesquisa. Apresenta a seguir os pressupostos teóricos, fazendo referência a alguns autores e algumas autoras, que darão o suporte teórico no decorrer da pesquisa. O objetivo é chegar à compreensão de como se organiza social e politicamente a aldeia *Madiha* de Porto Velho, descrevendo a função do líder político, ou *tamine*³ e o líder religioso ou *dsoppinehe*⁴ em língua *madija*.

Palavras Chaves: *Madiha*, Liderança, *Dsoppineje*, *Tamine*.

Introdução

Esse texto é a primeira produção da fase inicial da pesquisa de mestrado em antropologia. O que leva esse pesquisador a pesquisar com o povo *Madiha* é a sua relação de parentesco com os *Madiha* Kulina. Mesmo tendo vivido em contexto urbano, sempre mantive relações de convivência com meus parentes que habitavam as aldeias na Terra Indígena Kulina do Médio Juruá, mais especificamente no território do município de Eirunepé, no Igarapé Preto, Igarapé do Baú e Rio Eiru. Desde muito criança gostei de ficar comendo ouvindo as músicas e histórias do meu povo as margens do Lago dos Portugueses onde ficam acampados, quando vêm para a cede de Eirunepé. Já na adolescência nos períodos de férias da escola sempre que tinha oportunidade ia visita-los nas aldeias. Com a conclusão do Ensino Médio, e início da faculdade de Letras, descobri a possibilidade de poder dar evidência à cultura e às histórias do meu povo, através da nossa visão de mundo.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano:2024).

² Licenciado em Letras, Língua Portuguesa; Mestrando em Antropologia no Programa de pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL.

³ Termo em língua Kulina para se referir a Cacique/chefe.

⁴ Termo em língua Kulina para se referir a Pajé/Xamã

Temos um bom conteúdo publicado sobre nossas histórias e vivências, mas nada do que li ou tive contato é escrito por nós *Madiha*. Sempre foi algum viajante, antropólogos/as, indigenistas do CIMI⁵, do COMIN⁶ ou por missionários alemães que se identificou com um determinado tema e decidiu escrever. Já é o momento de nós começarmos a falar sobre nós. Está pesquisa tem o propósito de ser uma das pioneiras, sendo escrita por um indígena *Madiha* sobre seu próprio povo.

Como já citei um fator determinante para o desenvolvimento dessa pesquisa é minha ligação familiar com o povo *Madiha*/Kulina. Neto de uma indígena *Madiha*, sempre vi a relação de meu pai e tios próxima aos parentes que moravam nas aldeias. E sempre fui crescendo ouvindo as afirmações: “você é meu sobrinho!” Outros diziam “você é meu primo!” Essas afirmações familiares foram me apaixonando e despertando em mim interesse pelas histórias e a cultura do meu povo. Entender nossa origem família levou-me, a me entender. Esse desejo de evidenciar e de fazer parte dos movimentos do meu povo como um todo, me atraiu ainda mais quando criança conheci os meus tios: Severo um grande pajé, melhor dizendo, um dos maiores que nosso Povo já teve. Severino, Cacique que era respeitado por todo o Povo *Madiha* Kulina e entre os outros povos da região. Foi um dos grandes guerreiros de nosso povo, lutou pela demarcação da Terra Indígena Kulina do Médio Juruá. Daí o foco dessa pesquisa: compreender e fazer ser compreendido pelos/as leitores/as de como ocorre a ascensão a estes cargos de liderança dentro da sociedade *Madiha* Kulina, descrever a organização política do meu povo, através dos olhares de alguém que sente o sangue *Madiha* correndo nas veias.

A pesquisa acontece na Aldeia Porto Velho, localizada no Igarapé Preto dentro da Terra Indígena Médio Juruá, localizada à margem direita do Rio Juruá, no município de Eirunepé, estado do Amazonas. Apropria-se do método etnográfico, para coleta de dados, seguindo o conceito de observação participante, que segundo Luiz Antônio Costa (2013), “consiste em o pesquisador se inserir, ser aceito e participar dos eventos do grupo que está estudando para assim entender a lógica que move essa comunidade”. Referente a etnografia o antropólogo Tim Ingold enfatiza que: “A etnografia busca descrever a vida tal como é vivida e experimentada por um povo, em um lugar

⁵ CIMI – Conselho Indigenista Missionário, instituição da igreja católica vinculada à Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB.

⁶ COMIN – Conselho de Missões entre Povos Indígenas, criado e gerido pela Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB.

específico e em um tempo determinado” (INGOLD, 2018, p. 222). Procurarei manter uma escrita que corresponda à realidade vivenciada pelos *Madiha*, em sua organização política e social, mas a partir da minha visão como alguém que vive em contexto urbano.

O antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira destaca a necessidade de apuração da disciplina Antropologia, através do olhar, ouvir e escrever. Segundo ele: “Se o olhar e o ouvir constituem a nossa percepção da realidade focalizada na pesquisa empírica, o escrever passa a ser parte quase indissociável do nosso pensamento, uma vez que o ato de escrever é simultâneo ao ato de pensar” (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998, p.32). Para Mariza Peirano (2014), nós etnógrafos somos:

(...) ávidos em conhecer o mundo em que vivemos, nunca nos conformamos com predefinições, estamos sempre dispostos a nos expor ao imprevisível, a questionar a certeza e verdades estabelecidas e nos vulnerar por novas surpresas (...) contribuindo para desvendar novos caminhos que nos ajudem a entender o mundo em que vivemos (PEIRANO, 2014, p. 389).

As técnicas de coleta, produção e registro de dados na pesquisa, correspondem à observação participante, conversações abertas livres do rigor de uma entrevista fechada, consulta bibliográfica, consulta de material escrito, impresso, visual, audiovisual - em acervos pessoais e/ou públicos. Registros em diário de campo, sonoro, visual e audiovisual. Na coleta, sistematização e análise dos dados da pesquisa, levando em consideração o Código de Ética da ABA – Associação Brasileira de Antropologia, numa relação de diálogo e de colaboração com a comunidade *Madiha* da Aldeia Porto Velho.

I. Madiha

Os Kulina de auto denominação *Madiha*, que significa “aqueles que são gente”, falam a língua própria Kulina de tronco linguístico Arawá. No Brasil os Kulina somam uma população de aproximadamente 7.211 pessoas (SIASI/SESAI, 2014). E vivem entre as Bacias do Rio Juruá e Rio Purus, quem primeiro registra contato com os Kulinas é William Chardless que viajou entre Purus e Juruá no período de 1861 e 1869⁷.

Esse contato mais tardio com os não indígenas, seringueiros ou exploradores das chamadas “drogas do sertão”, comparados com os povos da região se dá principalmente

⁷ Ishii, Raquel Alves; Albuquerque, Gerson Rodrigues. William Chardless: Literatura de viagens, memória e imagens Amazonas no século XIX. Revista Igarapé, v.11, n.1 – 2018, p. 136.

na bacia hidrográfica do Juruá, por causa das aldeias estarem localizadas no interior da floresta, nas partes mais afastadas das margens dos grandes rios, ficando em igarapés ou pequenos afluentes de difícil navegação como rio Eiru. Nesse momento histórico de exploração das riquezas naturais dessa região pelos seringueiros e outros coletores, ou melhor, por esses invasores, o primeiro etnógrafo ameríndio desta região foi o francês Constant Tastevin, missionário da Prelazia de Tefé no Amazonas e viajou pelo sudoeste do Amazonas entre 1905 a 1926. É em uma destas viagens que ele faz referência aos Kulinas:

“Os Kulinas eram os donos incontestes da margem esquerda do Muru e da margem direita do Alto Tarauacá, quando os seringueiros apareceram. Assinalam-se suas malocas no Mucuripe, interior do seringal Paraiso, no Muruzinho de Belém e nas nascentes do Rio Jordão dos Santos. Seu dialeto é muito diferente daquele dos Huni-Kui,[...]. Já vimos que eles se nomeiam de “Mádhá”, os homens.”(Tastevin, Parrissier p.147)⁸

Com essa invasão dos não indígenas a entrada dos Kulinas sempre pra lugares de mais difícil acesso e cada vez para o interior da floresta se torna mais comum e percebemos isso hoje, onde todas as comunidades/aldeias *Madiha* está em uma localidade de acesso quase impossível para quem não tem total conhecimento dos trajetos a serem percorridos.

Como parte desse povo, mesmo vivendo em contexto urbano, mas mantendo relações familiares próximas, posso afirmar como parte do todo, que o povo *Madiha* Kulina é um povo forte e guerreiro, digno de estar ao lado das grandes civilizações no que se refere à sobrevivência em meio à floresta, e na relação difícil com seus perseguidores. Resistiram e continuam a resistir, não se renderam e nem abandonaram sua cultura com a chegada dos colonizadores. Os coronéis seringalistas da época, na frente do extrativista da borracha até conseguiram dominar alguns de nossos ancestrais e transformá-los em seringueiros, mas nunca dominaram nossa gente por completo. Hoje a luta é permanecer com nossa cultura viva e preservando mesmo nos dias de difusão das tecnologias e perseguição pelas riquezas de nossas terras. Terras essas nas quais nossos líderes, muitos já falecidos como os grandes caciques Severino e Nelson que já faleceram e outros que ainda estão entre nós, lutaram para que nosso povo tivesse uma terra para chamar de sua.

⁸ Tastevin, Parrissier: fontes sobre índios e seringueiros do Alto Juruá. (2009). Brasil: Museu do Índio, FUNAI. p.147.
Citado da forma que se encontra transcrito no livro.

É dessa forma que há muito tempo os *Madiha* lutam para preservar sua língua, seus costumes e sua cultura, buscando sempre transmitir para as novas gerações do nosso Povo, suas músicas, danças rituais e conhecimentos ancestrais. Tenho enorme orgulho de dizer que sou parte deste povo. E possuo dentro de mim, como pesquisador, o desejo de mostrar para o mundo e para toda a sociedade acadêmica como é a organização deste povo, que sempre permaneceu forte vivendo como moradores e conhecedores da floresta.

II. Organização Social e Econômica

A organização social, política e econômica *Madiha Kulina* é baseada em princípios tradicionais da sua cultura, como a coletividade e a valorização da natureza, embasados na teoria da reciprocidade. Como destaca o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, o povo *Kulina* vive de forma comunitária, onde as decisões são tomadas em coletivo. Compartilham os recursos naturais da região de forma equitativa.

São exímios caçadores, pescadores, um povo coletor vivendo em plena harmonia com aquilo que é ofertado pela floresta. Possuem uma agricultura de subsistência, focando principalmente no plantio da mandioca, inhames e batata doce, pois estão na base da alimentação comunitária e são também ingredientes presentes nas bebidas tradicionais. Nas comunidades é possível encontrar pequenas criações de animais como galinha e porco também utilizados para alimentação.

Quanto a reciprocidade na relação social e econômica *Madiha Kulina*, essa relação de dar e receber é denominada de *Manaco*, é possível percebê-la na base de todas as relações da comunidade/aldeia. A prática da reciprocidade está presente em diversas culturas e é fundamental para a manutenção do equilíbrio e da ordem social, pois permite a circulação e redistribuição de bens e serviços de forma justa (Lévi-Strauss, 1964)⁹. Por meio desse pressuposto teórico é possível ter uma maior compreensão dessa relação dentro da comunidade onde o dividir com outro é mais importante do que reter para se e acumular bens. Como afirma Lory Altmann: Nesse sistema a doação de bens é um dever de um e um privilégio de todos (Altmann, 1974). Com essa organização em volta da reciprocidade o povo *Madiha Kulina* tem resistido aos invasores e avanços do mundo moderno, afirmamos isso embasado sobre a colocação levistrociana de que “Na reciprocidade, encontramos a base para a solidariedade e a cooperação entre os membros de uma comunidade, garantindo a sobrevivência e a prosperidade do grupo” (Lévi-

⁹ LEVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido: Mitológicas I**. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p.19.

Strauss, 1962)¹⁰. Por meio disso o povo manteve sua língua materna, danças e festas preservados, seu modo de vida vem sobrevivendo mesmo com todas as adversidades trazidas com o contato não indígena.

Nas relações políticas a reciprocidades está presente nas relações de parentesco e nas alianças familiares para a manutenção do poder e da estabilidade social dentro da comunidade/aldeia. De acordo com Viveiros de Castro (2002)¹¹, as alianças políticas entre povos indígenas do Brasil muitas vezes são estabelecidas através da relação de parentescos, uma prática que é fundamental para a organização social desses grupos. Também afirma a antropóloga Manuela Carneiro da Cunha que, as alianças políticas entre povos indígenas do Brasil são frequentemente estabelecidas através da prática do parentesco, que é central para a organização social e política dessas comunidades (Carneiro da Cunha, 2009)¹². Essas relações de parentesco não apenas fortalecem os laços entre os diferentes grupos indígenas, mas também possibilitam a construção de alianças políticas para a defesa de seus direitos territoriais e culturais.

III. *Dsoppineje e Tamine*

III.I. *Dsoppineje*

O *dsoppineje* sendo o líder religioso ou o curandeiro da aldeia é responsável por realizar, orientações espirituais e rituais de curas, é a figura intelectual da comunidade. Genoveva Santos Amorim também destaca que: “os pajés curam, mas também jogam feitiço ou flecham as pessoas com *dori*¹³. [...] O pajé faz a cura do doente segurando o feitiço-pedra-*dori* com a boca ou tirando-a com as mãos” (AMORIM, 2019, p.183). Ela ainda destaca que o pajé bom de uma aldeia pode ser o pajé mau para outra. Nesta linha de raciocínio destaco a médica Cristiane Tiss, quando relata que: “o pior que um pajé pode fazer é jogar *dori* no fogo, porque assim o *dori* se espalhará por meio da fumaça por toda região, ameaçando todos os habitantes” (TISS, 2009, p. 154). Esse poder xamânico Kulina é respeitado e temido por todo o povo Kulina e por outros povos

¹⁰ LEVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento Selvagem**. Editora Nacional. 1962. p. 87.

¹¹ VIVEIRO DE CASTRO, E. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

¹² CUNHA, Maria Manuela Ligeti Carneiro da. **Cultura com aspas: e outros ensaios**. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

¹³ “*Dori* – (*sf*) – *feitiço* (Objeto que é jogado para fora do corpo pra enfeitiçar) Silva, Alberto O. (Kanaú); Monsserat, Ruth M. F.. Dicionário Kulina – Português e Português – Kulina (dialeto do igarapé do anjo). CIMI-Acre, CEDI, 1984. p. 24. Como tradução o pessoal definiria *dori* como “pedra” jogada pelo *dsoppineje* para enfeitiçar alguém com um determinado tipo de dor, doença ou diferentes coisas ruins.

indígenas como relata Costa, citado por Amorim (2014, p. 112): “[...] os Kanamari admiram e temem os xamãs Kulina. Sendo que os Kanamari costumam se dirigir às aldeias Kulina em busca de cura. Os Kulina são os principais suspeitos da feitiçaria que ameaça os Kanamari: “os Kanamari consideram os Kulina traiçoeiros e avaros” (COSTA, 2007: 26-93, apud AMORIM, 2014, p.112, nota de rodapé 196).

O poder do xamã é temido até mesmo no momento de sua morte. Em referência a essa questão, Amorim afirma: “A morte do xamã é um momento forte na identificação de toda a rede de pessoas que de modo direto se identificam com determinado coletivo *madija*, o que traz como consequência a fragmentação da aldeia e a migração de pessoas”. Ela ainda destaca que “quando o xamã morre os *dori* saem do seu corpo. As pessoas não podem tocar no corpo do xamã, pois correm o risco de contrair feitiço mortal” (AMORIM, 2014, p. 115).

Seguindo nesta linha de raciocínio, Renato Sztutman deixa claro,

“que o xamanismo amazônico se projeta para além das questões fisiológicas e se projeta em questões altamente políticas, uma cosmopolítica que se insere dentro de uma dimensão que envolve a comunicação com agentes sobrenaturais, sem a qual o mundo social permaneceria em total inércia” (SZTUTMAN, 2005, p. 210).

Complementando esse direcionamento teórico, Els Lagrou destaca: “Para os ameríndios o universo é transformativo. Isso significa que a visão pode, repentinamente, mudar diante de nossos olhos. O mundo é composto por muitas camadas, os diversos mundos são pensados enquanto simultâneos, presentes e em contato, embora nem sempre perceptíveis” (LAGROU, 2009, p. 93).

III.II. *Tamine*

Antes do contato com os não indígenas, os Kulina habitavam Malocas em uma grande família, como destaca Lori Altmann (1994, p. 74): “Tinham duas aberturas, uma delas voltada para o sol nascente. Nelas se abrigavam as famílias extensas lideradas por um *tamine*, espécie de “chefe-conselheiro-pajé-cantador”. Hoje vivem em casas como a dos ribeirinhos não indígenas na forma de palafitas cobertas de palha, formando uma comunidade muitas vezes com o pai ou o avô como líder (SILVA).

Como destaca Genoveva Santos Amorim, existe “uma relação muito estreita entre xamanismo e chefia, pois os últimos grandes *tamine* eram pajé” (2019, p. 120). Percebemos desta forma que a chefia e a pajelança/xamanismo estão entrelaçados em toda a organização social da aldeia. É necessário compreender que chegar ao posto de

chefia é de extrema importância para a percepção social de liderança para esse povo. Conforme Amorim (2019) podemos dizer que as chefias tradicionais Kulina *Madiha*, algumas vezes são transmitidas de pais para filhos, outras vezes não. João Pacheco de Oliveira Filho afirma que a autoridade destes líderes não possui um poder centralizado ou coercitivo. Pacheco destaca ainda que este tipo de autoridade “[...] com termos modernos, se poderia dizer estar baseada na influência, na persuasão e em uma rede de apoio (*supporters*) constituída de diversos vínculos sociais” (PACHECO DE OLIVEIRA FILHO, 1988, p. 118).

O Chefe (*Tamine*) é responsável por dirigir a vida social da aldeia, com destaque para a sociabilidade de parentesco e o comportamento adequado. Mas “chefes também são selvagens em grande grau, pois em sua maioria são exemplares caçadores e xamãs” (AMORIM, 2019, p. 89-90). Ainda neste sentido Lori Altmann destaca que o *tamine* Kulina trabalha muito, “pois a condição para o sucesso de uma mobilização coletiva depende do seu exemplo, da sua disponibilidade. De outro lado, para exercer tal generosidade, ele precisa ter grandes roçados. O bom chefe é aquele que, mesmo nos períodos de crise, ainda tem algo a oferecer” (ALTMANN, 1994, p. 75). Amorim, citando Lorrain (1994), destaca que: “Os grandes líderes do passado são lembrados por serem plantadores que tinham extensos roçados e seus produtos eram generosamente compartilhados em contextos rituais [...]” (LORRAIN, 1994, apud AMORIM, 2014, p. 89).

Conclusão

Portanto, podemos chegamos à conclusão de que, a liderança de uma aldeia *Madiha* Kulina, é baseada em estruturas tradicionais e sistemas de liderança estabelecidos no *Tamaco*. O líder político *Tamine*, e espiritual o *dsoppineje*, desempenham um papel primordial nas tomadas de decisões e na resolução de conflitos dentro da comunidade/aldeia. Lembrando que esses líderes estão também, dentro da relação de reciprocidade e o *Tamine* assim como todos os outros membros da comunidade/aldeia produz, o chefe a princípio deve ser capaz de distribuir mais do que receber, tendo a capacidade de manter a estabilidade em tempos de necessidades em períodos de seca (falta de chuvas), escassez de pescas ou caça.

Na definição da hierarquia e relações de poder, é levado em conta a idade e o conhecimento da cultura e modos de vida tradicionais. O poder dado aos líderes não é coercitivo ou opressor, mas conquistado pelo respeito e nas relações familiares seguindo

os princípios da vivência coletiva, baseando-se nos valores culturais e no respeito mútuo entre os membros da comunidade/aldeia. Os líderes são vistos como guias e protetores do grupo, e sua autoridade é mantida por meio do consenso e do apoio da comunidade/aldeia.

Ressalto mais uma vez, essa pesquisa está em fase inicial, ainda sem idas a campo de forma oficial, todo o que está escrito aqui é com base em minhas vivências pessoais e familiares com o povo *Madiha* Kulina. Além de pesquisas bibliográficas, para aprofundamento teórico na construção do projeto de pesquisa, que se torna esse artigo com novos embasamentos, adquiridos no cursar das disciplinas para obtenção de créditos no programa de Mestrado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas.

Referências

ALTMANN, Lori. **Madija: um povo entre a floresta e o rio** – trilhas de produção simbólica Kulina. 1994. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Instituto Metodista de Ensino Superior, São Bernardo do Campo, 1994.

AMORIM, Genoveva Santos. **Entre viajar e morar: narrativas sobre a territorialidade Kulina**. 2019. 299 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

AMORIM, Genoveva Santos. **Os coletivos madija e o ritual do aje: relações de alteridade entre os Kulina no baixo Juruá**. 2014. 146 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

BENSA, Alban. **Después de Lévi-Strauss**. Por uma antropologia de escala humana. Una conversación con Bertrand Richard/Alban Bensa. Trad. Liliana Padilha Villagómez. México: Fondo de Cultura Económica, Colec. Umbrales, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. Rio de Janeiro/RJ: Vozes, 1997.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do Antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, 1988 (p.17 a 35).

COSTA, Luiz Antônio. Alimentação e comensalidade entre os Kanamari da Amazônia Ocidental. **Mana**. 19(3): 473-504. Rio de Janeiro: Museu Nacional, UFRJ, 2013.

COSTA, Luiz Antônio. **As Faces do Jaguar. Parentesco, história e mitologia entre os Kanamari da Amazônia Ocidental.** Tese (Doutorado em Antropologia Social). Rio de Janeiro/RJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2007.

CUNHA, Maria Manuela Ligeti Carneiro da. **Cultura com aspas: e outros ensaios.** São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

INGOLD, T.; ALMEIDA, R. A. Antropologia versus etnografia. **Cadernos de Campo** (São Paulo - 1991), [S. l.], v. 26, n. 1, p. 222-228, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v26i1p222-228. Disponível em: <https://www.recadernosdecampo/view/140192>. Acesso em: 17 out. 2023.

ISHII, Raquel Alves; Albuquerque, Gerson Rodrigues. William Chardless: Literatura de viagens, memória e imagens Amazonas no século XIX. *Revista Igarapé*, v.11,n.1 – 2018, p. 136.

LEVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido: Mitológicas I.** São Paulo: Cosac Naify, 2004. p.19.

LEVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento Selvagem.** Editora Nacional. 1962. p. 87.

LAGROU, Els. **Arte Indígena no Brasil: agência, alteridade e relação.** Belo Horizonte/MG: Editora C/ Arte, 2009. 127p.

LIGÉRIO, Zeca. **Estudo das performances brasileiras.** Rio de Janeiro/RJ: Garamond, 2011.

PACHECO DE OLIVEIRA FILHO, João. **“O nosso governo”:** os Ticuna e o regime tutelar. São Paulo: Marco Zero; Brasília, DF, 1988.

PEIRANO, Mariza. (2014). Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos.** Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391.

SILVA, Domingos Bueno da. **Kulina. Povos Indígenas do Brasil.** São Paulo: Instituto Socioambiental, 2003. <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Kulina> Acesso em 16/10/2023.

Silva, Alberto O. (Kanaú); Monsserat, Ruth M. F.. Dicionário Kulina – Português e Português – Kulina (dialeto do igarapé do anjo). CIMI-Acre, CEDI, 1984. p. 24.

SZTUTMAN, Renato. 2005. Sobre a ação xamânica. In: GALLOIS, Dominique Tilkin (org.). **Redes de relações nas Guianas.** 1º ed. São Paulo: Humanitas, pp. 151-226.

<https://repositorio.usp.br/item/002191427> Acesso em: 17 out. 2023.

TISS, Christiane. Tuberculose e/ou Thothoho. Conceitos madiha-kulina sobre tuberculose.

Tellus, ano 9, n. 16, p. 149-180, jan./jun. 2009, Campo Grande – MS.

<https://antropos.org.uk/174-kulina/> Acesso: dia 08/10/2023, às 15 horas e 35 minutos. COMIN - <https://comin.org.br/>

FUNAI

-

<https://www.gov.br/funai/pt-br>

INEI, 2007

SIASI/SESAI, 2014

VIVEIRO DE CASTRO, E. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.